

# Luta de Classes


Jornal da Esquerda Marxista

Nº 22

22 de Junho a  
22 de julho/2009

R\$ 3,00

“A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores” (Karl Marx)

 Pela reconstrução  
da 4ª Internacional

## A REVOLUÇÃO COMEÇOU NO IRÃ



As massas entram em cena contra a ditadura dos Aiatolás

### O REGIME RACHA E AS MASSAS ENTRAM NO PALCO

As condições para a revolução amadureceram no Irã. Crise na cúpula, massas em cena com métodos proletários e choques com as forças da ordem. O candidato opositor roubado pede calma, mas ninguém escuta. E não é de espantar. As massas usam o que tem nas mãos. A ditadura dos aiatolás corruptos que confiscou a revolução de 1979 começou a cair. Lula declara apoio à Ahmadinejad.

Tudo isso você lê em artigos atuais sobre o Irã em:

[www.marxismo.org.br](http://www.marxismo.org.br)

#### EDITORIAL:

Colaboração ou Luta de Classes  
Pág. 02

#### NACIONAL

Trabalhadores são sócios da crise capitalista, segundo Lula  
Pág. 06

#### MOVIMENTO

Resistência e luta na USP  
Pág. 13

#### INTERNACIONAL

Paquistão: Conflito entre frações do Estado  
Pág. 19

### Governo ataca fábrica ocupada



Processo absurdo ameaça Pedro Santinho, coordenador da Flaskô Pág. 04

### Encontro Nacional da JR



Em 2008 o ENJR foi um sucesso. Participe do ENJR de 2009 Pág. 15

### China: Repressão, capitalismo e crise



O massacre de 1989 abriu o caminho para a restauração capitalista Pág. 08 e 09

[www.marxismo.org.br](http://www.marxismo.org.br)



## QUEM SOMOS E PELO QUE LUTAMOS?



A Esquerda Marxista é uma organização política que luta pelo socialismo. Somos a seção brasileira da Corrente Marxista Internacional - CMI, presente em mais de 30 países. Estamos ao lado dos trabalhadores e da juventude em suas batalhas do dia-a-dia rumo à sua emancipação. Juntos com os trabalhadores, ocupamos fábricas (Cipla, Interfibra, Flaskô e tantas outras). Na defesa dos postos de trabalho e direitos, desde 2002 construímos o Movimento das Fábricas Ocupadas na luta pela estatização sob controle operário, resistindo aos duros golpes, como a intervenção a mando do governo federal na Cipla e Interfibra.

Estamos com os trabalhadores rurais sem-terra e os sem-teto nas lutas por terra e moradia. Estamos nos sindicatos, na CUT, combatendo pelas reivindicações dos trabalhadores, contra os pelegos e os divisionistas. Impulsionamos o Movimento Negro Socialista, que tem papel destacado na luta contra o racismo e o racismo – contra a divisão do povo trabalhador brasileiro em “raças”. E com a Juventude Revolução – organização de jovens da EM – estamos na luta da juventude por seus direitos e por um futuro digno; organizando a luta pelo passe-livre e por vagas para todos nas universidades públicas.

Somos uma corrente do Partido dos Trabalhadores, uma corrente que não se furta a combater a coalizão de Lula com a burguesia e a degeneração do partido, dessa forma nos ligamos aos milhares de petistas que continuam fiéis à sua classe e que não se esqueceram dos motivos pelos quais o PT foi fundado.

# Colaboração ou Luta de Classes



Lula e Paulo Skaf (presidente da FIESP)

Segundo artigo de capa do jornal *USA Today* do dia 12/06, “mesmo com a taxa de desemprego nos EUA alcançando os patamares do pós-Guerra, os trabalhadores norteamericanos enfrentam as piores condições de vida desde a Grande Depressão” [década de 1930].

Com base em análises de dados sobre o desemprego, o jornal burguês relata que o corte nos salários, a redução das horas, férias coletivas e trabalhos de meia-jornada reconduziram os trabalhadores às condições e aos níveis de vida do período que se seguiu à crise de 1929.

Como o país capitalista mais rico do mundo, a catástrofe dos EUA revela qual o futuro que reserva para toda a humanidade este sistema baseado na propriedade privada dos meios de produção e na exploração da força de trabalho. Afinal, se a coisa tá feia lá, imagina como pode ficar aqui!

O presidente do Banco Mundial, Robert Zoellick, afirmou que, “embora existam sinais de que as condições da crise tenham diminuído nos países saudáveis, a crise nos países em

desenvolvimento se acelera”. E isso os assusta, pois sabem que o povo trabalhador não vai mais agüentar por muito tempo sem se revoltar.

Por isso continuam pipocando ocupações de fábrica e greves em diversos países – o que aumenta ainda mais a importância do 2º Encontro Latino-Americano das Fábricas Ocupadas que ocorrerá em Caracas, na Venezuela, no fim de Junho. Por isso também é que no Peru o povo sai às ruas, apesar da repressão que massacrou os manifestantes a mando do Presidente Alan Garcia. Por isso a juventude já não aceita mais ficar parada e, por exemplo, na USP, quando a greve dos funcionários é reprimida violentamente pela Polícia Militar, um número ainda maior de estudantes e professores se solidariza e adere à greve.

As demissões seguem pelo Brasil afora e os trabalhadores continuam buscando resistir a todo custo, assim como os trabalhadores da fábrica ocupada Flaskô - que completou 6 anos de controle operário e luta pela estatização.

E Lula disse no Conselho de Direitos Humanos da ONU, em Genebra: “Espero que da crise surja uma nova ordem internacional que recompense a produção e não a especulação. (...) Esta nova ordem também deve respeitar as normas meio-ambientais viáveis e transformar o comércio internacional em um instrumento de desenvolvimento para uma distribuição mais justa da riqueza.” Reformismo puro!

Lula acha que é possível que os grandes capitalistas parem de especular, que os patrões fiquem mais bonzinhos? Qualquer trabalhador que passa 44 horas por semana, ou mais, dentro de uma fábrica, sendo esfolado pelo patrão, sabe que não adianta tentar convencer o patrão a parar de enriquecer e distribuir a riqueza para os trabalhadores. Os patrões vão continuar sugando o sangue e suor dos trabalhadores até não poderem mais. O ex-metalúrgico Lula não sabe disso?

Ao invés de pedir aos patrões que fiquem bonzinhos está na hora de agir contra eles. Antes que os efeitos da crise no Brasil se tornem piores do que nos EUA. Mas, se Lula desejar agir contra os patrões ele sabe que teria que romper as alianças com os capitalistas e seus partidos burgueses. Romper a colaboração de classes com os capitalistas é a condição para começar a governar em defesa dos trabalhadores!

Por isso a Esquerda Marxista apresenta para discussão a tese “Virar à Esquerda! Reatar com o Socialismo!” nas eleições internas (PED) do Partido dos Trabalhadores. Junte-se a nós. Faça contato!

## ASSINE: **Luta de Classes**

Jornal da Esquerda Marxista - Pela reconstrução da 4ª Internacional  
12 N°s R\$ 30,00 - 12 N°s R\$ 50,00 solidário  
Rua Tabatinguera, 326 cj. 11 - Centro - São Paulo, SP - CEP: 01020-000 Fone: (11)3101-8810  
jornal@marxismo.org.br - home: www.marxismo.org.br

### Faça contato com a Esquerda Marxista contato@marxismo.org.br

Alagoas: al-contato@marxismo.org.br  
Brasília: df-contato@marxismo.org.br  
Minas Gerais: al-contato@marxismo.org.br  
Mato Grosso: mt-contato@marxismo.org.br  
Mato Grosso do Sul: ms-contato@marxismo.org.br  
Paraíba: pb-contato@marxismo.org.br

Pernambuco: pe-contato@marxismo.org.br  
Paraná: pr-contato@marxismo.org.br  
Rio de Janeiro: rj-contato@marxismo.org.br  
Rio Grande do Sul: rs-contato@marxismo.org.br  
Santa Catarina: sc-contato@marxismo.org.br  
São Paulo: sp-contato@marxismo.org.br

# Virar à Esquerda! Reatar com o Socialismo!

O combate contra a crise capitalista passa pela batalha contra as alianças com os patrões na preparação do PED (Processo de Eleições Diretas) do Partido dos Trabalhadores



Foi o PT que fundou a CUT na luta pelo socialismo

Caio Dezorzi

caiodezorzi@yahoo.com.br

Cada vez mais episódios - como aquele em que a CNB (Construindo um Novo Brasil - antiga Articulação) fechou chapa estudantil com DEM e PSDB na USP no último mês - têm levado mais e mais petistas a questionar as alianças do Governo Lula com partidos como PMDB, PP, PL, PDT, etc.

Sempre que o Governo Lula diz “entender” os patrões que demitem, sempre que dá bilhões para os patrões e nada para os trabalhadores, mais petistas se questionam: “Pra servem essas alianças?”



É espantoso ouvir de Lula que os trabalhadores não devem pagar sozinhos (!) a crise. Este é o resultado da adaptação ao capitalismo



Mesmo as correntes que buscam posar mais à esquerda - como a AE (Articulação de Esquerda) - defendem as alianças com o PMDB. Valter Pomar, principal dirigente da AE, explica que a aliança com o PMDB é necessária e crucial para a vitória

de Dilma. O mesmo diz a Mensagem ao Partido (DS+ Tarso + José Eduardo Cardozo), Movimento PT, PT de Luta e de Massas (!), etc.

## DIREÇÃO DO PARTIDO (LULA/ CNB) COGITA “SACRIFICAR” CANDIDATURAS PRÓPRIAS A GOVERNADOR NOS ESTADOS PARA GARANTIR APOIO À CANDIDATURA DE DILMA

Segundo o Deputado Vaccarezza, líder do PT na Câmara, “Em São Paulo, o PT pode abrir mão do candidato se isso criar uma situação de expansão da aliança. Se o Ciro quiser ser candidato ao governo, se o Quéricia quiser, o PT pode discutir. Em Minas, seria bem mais fácil” - aí já falando da hipótese do PT apoiar Hélio Costa (PMDB-MG) em troca do apoio à Dilma. Nas últimas eleições Fernando Pimentel (PT) e Aécio Neves (PSDB), com apoio de Lula, se aliaram para eleger um mega empresário, do PSB, como prefeito. Agora se espera tudo!

Em São Paulo, apoiar Ciro ou Quéricia em nome de eleger Dilma seria o suicídio político do PT. O mais provável é que os militantes abandonassem a campanha. Aliás, de certa forma este é o cálculo de Lula quando lança Dilma como candidata por cima do PT pela imprensa e sem consultar ninguém. Tentar obrigar os militantes a engolir Dilma é ajudar na derrota do

PT em 2010 para a presidência. Parece ser o que pretende Lula.

A perspectiva da Esquerda Marxista é o combate por candidaturas próprias do PT em todos os estados e por um programa de transição ao socialismo, de ruptura com a burguesia e seus partidos (Veja plataforma e a Tese “Virar a Esquerda. Reatar com o Socialismo” em [www.marxismo.org.br](http://www.marxismo.org.br)).

## A LUTA POR CANDIDATURAS DO PT E POR UM PROGRAMA DE LUTA

Em Pernambuco, todos os esforços dos dirigentes é para que os petistas engulam outra vez a candidatura de burguesa de Eduardo Campos, do PSB. Este governador apresentado como de “esquerda” comanda a PM que nos últimos meses baixou o pau “democrático e popular” nos grevistas. Em especial nos metalúrgicos de Recife em luta contra demissões e por seus direitos. A lista de repressão e ataques é longa.

A Esquerda Marxista insiste que é preciso romper esta aliança e lançar um nome de expressão do PT, como João Paulo, Humberto Costa ou Maurício Rands, por exemplo. Mas, não deixar na mão da burguesia a resolução de nossos problemas.

No Rio de Janeiro, lutamos por romper a coalizão com Sérgio Cabral e Eduardo Paes, do PMDB, apoiando a pré-candidatura de Lindemberg Farias a governador. Ele tem o apoio de Vladimir Palmeira e sem dúvida da maioria da base do PT no RJ. Para a EM o principal é que o PT-RJ

rompa esta colaboração com a burguesia e retome seus laços com a maioria da classe trabalhadora do RJ. O trabalho de destruição do PT no RJ vem de tempos. Este caminho foi empreendido por Benedita, Bittar, sob a batuta de Lula, Zé Dirceu e outros, quando cassaram a candidatura de Vladimir Palmeira ao governo do estado, que havia ganhado o Encontro estadual.

A Direção do PT provoca três reações na base: 1) Alguns buscam se adaptar, entrar no jogo, abandonar os princípios petistas e tentar ganhar alguma coisa; 2) Outros desanimam, desistem, vão pra casa ou se aventuram no PSOL - partido que tem como política uma versão “de esquerda” da mesma política Frente-Populista da direção do PT e ainda faz campanha com um delegado de polícia; 3) E há os que buscam resistir, que combatem, que se opõem e não querem abandonar o terreno do PT, nem os princípios do socialismo.

## O ANSEIO DOS PETISTAS FIÉIS A SUA CLASSE

É nesta situação que nossa Tese “Virar à Esquerda. Reatar com o Socialismo!” tem recebido apoio e diversos estados. Ela encerra uma análise realista da atual crise do capital, sob um ponto de vista marxista, assim como das tarefas dos petistas que querem continuar luta de classe e socialistas como seu partido foi fundado.

Conheça o texto integral da tese em <http://www.marxismo.org.br/ped.php> e junte-se aos que continuam o combate iniciado em 1979 com a construção do PT.



O PT surgiu das maiores lutas de classe do Brasil



# Os capitalistas querem fechar a Flaskô!

Ao completar seis anos de gestão operária os trabalhadores da Flaskô enfrentam uma das maiores agressões já sofridas em sua histórica resistência



Fábrica Ocupada aponta o caminho para a saída da crise. Uma ameaça aos capitalistas

Alexandre Mandl

[alexandremandl@yahoo.com.br](mailto:alexandremandl@yahoo.com.br)

O movimento das fábricas ocupadas é protagonista de uma luta fundamental para a classe trabalhadora. A perspectiva da expropriação dos meios de produção, por meio da estatização sob o controle operário, coloca em pauta a emancipação proletária. Por isso, os ataques contra a resistência dos trabalhadores da fábrica ocupada Flaskô, em Sumaré/SP, tomam novas dimensões justamente no momento em que completa seis anos de luta.

## O PODER JUDICIÁRIO MOSTRA A SUA CLASSE

Por não ter representantes partidários, cria-se o mito de “Justiça” e neutralidade. Não é à toa que os capitalistas se utilizam cada vez mais do Judiciário para atacar os trabalhadores. A criminalização dos movimentos sociais é um exemplo claro disso. O processo de judicialização dos conflitos sociais, ou seja, a transferência dos conflitos sociais para a esfera jurídica é o resultado desta estratégia da classe dominante. Lembremos que para atacar o movimento das fábricas ocupadas, o golpe veio via Justiça Federal. Na Flaskô, a estratégia é esta, só que de forma mais sutil e disfarçada.

Por meio da Procuradoria da Fazenda

Nacional, órgão competente para executar as dívidas de impostos, absurdos jurídicos vêm sendo cometidos e que explodiram há dois meses. Por conta das dívidas fiscais patronais, querem responsabilizar os trabalhadores da Flaskô. A gestão operária possui interesse em pagar os tributos devidos pelos patrões, por meio da unificação das execuções fiscais, com o pagamento de uma porcentagem do faturamento mensal, conforme garante a própria legislação burguesa (artigo 28 da Lei de Execução Fiscal). Tal dispositivo é usado para todas as empresas. No entanto, eles argumentam que o conselho de fábrica não é o legítimo representante da Flaskô para assinar este acordo. Por outro lado, considera que o representante legal é o conselho de fábrica quando é para responsabilizar pela dívida, nomeando-se como fiel depositário. Ou seja, para eles, o conselho de fábrica só é legítimo quando é para atacar a gestão dos trabalhadores. Esta é a enorme contradição.

Os absurdos se aprofundaram com as determinações das penhoras de faturamento. Ao dizer que os leilões de máquinas restavam infrutíferos (pois dizemos que “se arrematar não vai levar”), a ofensiva da classe dominante foi, por meio da Procuradoria, requerer a penhora de faturamento da fábrica. Tal medida é ilegal pela própria legislação vigente. A lei diz que a penhora de faturamento é

excepcional, e, ainda, que não se pode penhorar capital de giro, muito menos penhorar valor alimentício (artigo 621, I, do Código de Processo Civil). Ora, não restam dúvidas que o faturamento da Flaskô não é lucro, e nem mesmo é capital de giro, servindo apenas para pagar os salários e direitos dos trabalhadores. Assim, o mesmo não pode ser penhorado.

Não obstante, há um mês, com estes mesmos argumentos, penhoraram a conta da Associação dos trabalhadores. Combatemos e conseguimos comprovar, provisoriamente, que o bloqueio era indevido, demonstrando que a conta da associação serve para movimentar o fluxo financeiro da fábrica com o objetivo único de manter a fábrica aberta e pagar os salários dos trabalhadores.

## A ÚLTIMA CARTADA

Quando imaginávamos que os ataques já estavam no limite, eis que surge um novo golpe. A Procuradoria da Fazenda Nacional, órgão judicial que na prática responde ao Ministério da Fazenda, por conta de dívidas da gestão patronal, requereu a penhora de bens pessoais

de Pedro Alem Santinho, coordenador do conselho de fábrica da Flaskô. Ele amanheceu com um oficial de justiça em sua residência. Trata-se de uma imensa ilegalidade. Para ser atingido bens pessoais de sócios nas empresas, é necessário a desconstituição da personalidade jurídica (artigo 50 do Código Civil). Tal fato não ocorreu neste caso, e, caso ocorresse, como muitas vezes inclusive requeremos, os responsáveis são os patrões que constam no contrato social. Não bastasse isso, Pedro é um representante eleito pelos trabalhadores, e exerce seu mandato como representante do coletivo de trabalhadores, não podendo ser responsabilizado individualmente. Assim, o que se verifica é a agressão contra a classe trabalhadora, simbolizada na luta histórica dos trabalhadores da Flaskô.

A defesa jurídica está feita, mas não temos dúvida de que a solução é denunciar politicamente estes ataques contra a Flaskô. Como militantes marxistas revolucionários, temos que ter claro o papel do Poder Judiciário e combater a criminalização sofrida pela classe trabalhadora. Que os capitalistas não ousem duvidar da capacidade dos trabalhadores da Flaskô! Resistiremos!



Enquanto os capitalistas tentam fechar a fábrica ocupada Flaskô, trabalhadores resistem e lutam



# II Encontro Latino Americano de fábricas recuperadas pelos trabalhadores

(25, 26 E 27 DE JUNHO – CARACAS – VENEZUELA)

Pedro Santinho

pedro.santinho@uol.com.br

Convocado por diversos movimentos de fábricas ocupadas da Venezuela, Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai, Bolívia, entre outros, e por com uma convocação especial aos trabalhadores do setor automotriz feita por sindicalistas do setor, na Venezuela, o Encontro vai discutir a situação das ocupações de fábrica e o controle operário, como uma saída de resistência para a classe trabalhadora em sua luta contra a crise e pelo socialismo.

Este encontro será um momento importante na luta dos trabalhadores que

se colocam a perspectiva do controle dos meios de produção pela classe operária e que não aceitam calados a saída burguesa para esta crise. A tomada das fábricas, sua expropriação e estatização sob controle operário, são necessários como uma transição para a construção de uma economia socialista e democraticamente planejada.

A organização da delegação brasileira é uma verdadeira vitória e demonstração do desejo de resistir e discutir estas questões. Completamente auto-financiada estarão presentes na Venezuela 32 representantes das seguintes organizações: representantes da fábrica ocupada Flaskô, pela coor-

denação do movimento das fábricas ocupadas, por representantes dos sindicatos dos Químicos de Pernambuco, por representantes dos sindicatos dos vidreiros de São Paulo, do Sindicato dos professores de Pernambuco, dos sindicatos dos químicos de Campinas, de Valinhos e de Osasco do Estado de São Paulo, sindicato dos petroleiros do rio de janeiro, professores da rede pública de São Paulo, pesquisadores da Universidade de São Paulo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de Santa Catarina, por representantes do Movimento Negro Socialista, pelos parlamentares da esquerda marxista da cidade de Bauru no estado de São Paulo e de Joinville em Santa Catarina, por ex-trabalhadores demitidos com a



Cartaz de preparação do II Encontro

intervenção federal da Cipla, fábrica ocupada por 5 anos, e por representantes do sindicato dos servidores municipais de Florianópolis.

## Flaskô: Em 12 de junho completamos 6 anos de Controle Operário e luta pela Estatização



Esquerda Marxista em defesa do emprego e da estatização

Pedro Santinho

pedro.santinho@uol.com.br

Em 12 de junho de 2003 os operários da Flaskô tomavam a decisão de ocupar a fábrica e assumir o controle operacional, administrativo e financeiro da fábrica.

Um dia depois da audiência da Comissão de Fábrica da Cipla e Interfibra

ser recebida pelo presidente Lula em Brasília.

A caravana com mais de 600 trabalhadores que saiu de Joinville para ser recebida pelo presidente em Brasília, na volta passou na Flaskô para participar da histórica assembleia. Dois trabalhadores da Flaskô haviam participado da Caravana e voltaram animados com a esperança e o exemplo da luta dos trabalhadores da Cipla

e Interfibra. E mais do que isso, esperançosos de que o presidente Lula cumprisse com sua promessa de encontrar uma medida para salvar aqueles empregos.

Na última sexta-feira completou seis anos de controle operário e luta pela estatização na Flaskô. Certos de que para manter os empregos seria necessária muita luta os trabalhadores da Flaskô sempre souberam que era preciso contar com a solidariedade dos trabalhadores e suas organizações. A destruição dos empregos, o fechamento de fábricas, os ataques aos direitos é uma política dos patrões que tem como objetivo aumentar a exploração sobre a nossa classe e assim obter mais lucros.

Cada ano de luta foi acompanhado de mais e mais experiência, e da certeza que somente construindo a unidade dos trabalhadores e trabalhadoras para lutar contra a opressão e a exploração é que poderíamos avançar nossa luta e na própria defesa dos empregos.

Por isso sempre estivemos ao lado dos lutadores e lutadoras do povo. Nossa luta sempre foi nestes seis anos a mesma luta dos Sem-Terra, dos Sem Teto, do movimento sindical, do movimento popular. E principalmente uma luta internacionalista, pois sabemos que se não lutamos para nos livrar da opressão do capital não poderemos construir um mundo que tenha como objetivo a vida dos trabalhadores.

Por isso, nestes seis duros anos, reafirmamos nosso compromisso de seguir lutando em defesa dos empregos, dos direitos, pela estatização sob controle operário e pelo socialismo.

- Defender a Flaskô!
- Defender os empregos!
- Fábrica ocupada é fábrica estatizada!
- Viva a luta pelo socialismo!

Movimento de Fábricas Ocupadas  
www.defenderaflasko.blogspot.com

# Trabalhadores são sócios da crise capitalista, segundo Lula

**“Os trabalhadores não podem pagar sozinhos pela crise mundial.”**

Esta incrível declaração foi dada pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em 16/06/09, em Genebra, na Suíça, onde participou da 98ª Conferência Internacional do Trabalho, promovida pela OIT, e que tem como tema central a crise mundial do emprego.

Os trabalhadores, os sindicatos, no mundo inteiro se mobilizam com uma bandeira: nós não vamos pagar a crise. Mas,



até agora, são os trabalhadores que estão pagando pela crise. Milhões e milhões de trabalhadores estão sendo demitidos no mundo inteiro com o fechamento de fábricas de automóveis nos EUA, milhares de fábricas de brinquedos e outras bugigangas na China, metade dos auto-fornos do Brasil não estão funcionando. Fábricas fecham no Brasil e no mundo inteiro.

A OIT estima que mais de 50 milhões de pessoas vão perder o seu emprego no mundo. E cada trabalhador que perde o seu emprego perde a forma de sustento da família e se encontra na rua da amargura.

A responsabilidade da crise causada pelos patrões, pela desorganização da produção capitalista, Mas, para Lula deve também recair sobre as costas dos trabalhadores: *“O que precisamos debater é não permitir que os trabalhadores sejam vítimas da crise ou que apenas eles paguem pela crise. Temos que estar mais preocupados em garantir emprego para o povo, que é isso que conta no crescimento da economia”*, afirmou o presidente, em Genebra.

Ou seja, Lula explica que não é possível que “apenas eles paguem pela crise”.

Os ricos fazem as crises e nós somos sócios?!

O problema é que se um rico perde algo com a crise, se a sua fortuna desce de 10 bilhões para 5 bilhões, 1 bilhão, ele ainda tem um bilhão. Enquanto que um trabalhador que perde o emprego perde a sua forma de sustentação, a forma de sustentar sua família. Então, dizer que os trabalhadores também tem que pagar pela crise é de uma crueldade insustentável.

Mas, Lula quer manter os empregos. Diz estar preocupado com isso. Deve ser verdade. Mas, nós gostaríamos colocar algumas questões ao preocupado Presidente Lula:

- Se você está preocupado com a crise, que os trabalhadores não paguem sozinhos pela crise, que não haja desemprego, porque não aprovar logo a convenção 158 que proíbe a demissão imotivada?

- Se não podemos permitir o desemprego, porque não editar uma MP que proíba demissão em massa, como Chávez fez na Venezuela?

- Se não queremos que o trabalhador pague pela crise, porque o INSS cobra de um trabalhador de uma fábrica ocupada (a Flaskô) o débito que foi deixado pelo patrão? Como se cobra de



**As demissões humilham os trabalhadores**

um trabalhador aquilo que não foi pago pelo patrão?

As palavras já não são tão bonitas como eram antes de ser governo junto com a burguesia. E se, além disso, se revelam apenas palavras, sem atos que as substanciem, então resta ao trabalhador se mobilizar para cobrar que os empregos sejam mantidos e para que quem pague a conta da crise sejam os patrões, seja o capitalismo.

Esta é a tarefa do 10º. CONCUIT.

## CARTA DE UM TRABALHADOR INSATISFEITO

Com o agravamento da crise econômica, o crescimento do nível de repressão e ameaças de demissões aumentaram, pressionando os trabalhadores a manter acelerado o nível de produção. Publicamos abaixo uma carta que expressa o sentimento entre os trabalhadores.

### AO JORNAL LUTA DE CLASSES

Nas empresas nas quais trabalhamos, somos tratados como lixo, pois não temos um tratamento digno.

Necessidades básicas como beber água, ida ao banheiro, tempo disponí-

vel para deslocamento até o refeitório, por exemplo, são sempre limitados pelas chefias, numa insistente pressão para não interromper a produção.

No dia a dia sofremos todo o tipo de pressão e humilhação possível, tendo que trabalhar em alguns setores em condições de higiene e segurança desumanas. E como se tudo isso não bastasse, ainda temos que agüentar o “líder de setor”, repetindo toda hora, todo o minuto, para todos trabalharem e não reclamarem, como se não fôssemos seres humanos e que não ficássemos naturalmente cansados, por conta do serviço braçal do dia a dia. Muitas vezes, além de ter que fazer o serviço braçal cansativo, ainda somos obrigados a realizar a manutenção do

setor, fazendo serviços que extrapolam as funções para as quais fomos contratados.

Com certeza os trabalhadores não reclamariam do trabalho se tivessem segurança e um ritmo ideal para todos, pois ninguém quer ficar parado no setor, só queremos trabalhar com tranquilidade, sem que o ‘chefe’ fique o tempo todo querendo cada vez mais produção, querendo que os trabalhadores não deixem apenas o seu suor, mas também sua última gota de sangue.

Nossa segurança também não é prioridade, acidentes acontecem regularmente e a orientação das chefias é que o trabalhador acidentado não permaneça afastado, pois seu emprego fica sob risco.

Além disso, caso discorde da opi-

nião da empresa a ameaça de demissão é bem clara.

Por fim, estamos sendo pressionados pelas propostas de redução de salário e de jornada para defender o lucro do patrão e justificar uma crise pela qual não somos responsáveis. Tudo bem, reduzir jornada de trabalho, mas salário? E o pior é a postura dos sindicatos que nada fazem para impedir este absurdo que penaliza o trabalhador e toda a sua família.

Isto mostra com quem estão estes sindicatos e como é preciso que os trabalhadores se organizem para defender direitos e mudar essa realidade, pois assim não dá pra agüentar!

Joinville 06 de junho de 2009



# O Brasil e a dança dos números da crise...

Uma impressionante máquina de propaganda tenta convencer de que a crise "já vai passar". Mas, uma real análise dos números desmente isso

## O QUE REVELA A DANÇA DOS NÚMEROS

### Complete:



Daniel Feldman  
dafeldbr@yahoo.com.br

Os recentes dados sobre Produto Interno Bruto desmentem qualquer ilusão de "blindagem" da economia brasileira. O PIB do país caiu 0,8% no primeiro trimestre de 2009, frente ao quarto trimestre do ano passado. Os números confirmam a "recessão técnica" no país - dois trimestres consecutivos de queda na produção - pois no último trimestre de 2008 já havia sido contabilizada uma forte queda de 3,6% em relação ao trimestre anterior.

O governo e seus economistas afirmam que, como a queda do PIB foi menor do que eles esperavam (!) é razoável



O Brasil é um país atrasado semi-industrializado. Continua dependente do capital internacional. O PAC pretendia aprofundar isso. Mas a crise chegou e o tal etanol foi para o espaço. As matérias primas despencaram. E a "marolinha" vem vindo.

considerar que o pior já passou.

Todavia, para se ter uma visão mais profunda do que está em jogo é necessário analisar outros fatores. No primeiro trimestre de 2009 a economia brasileira produziu R\$ 684,6 bilhões. Entretanto, se observarmos o PIB brasileiro pelo lado da "demanda", veremos mudanças de fundo que refletem as conseqüências da crise mundial. Quando olhamos para o lado da "demanda", estamos observando justamente como a produção de bens e serviços foi "comprada" no período. Basicamente, existem quatro formas: consumo das famílias, consumo do setor público, formação bruta de capital fixo (os investimentos do setor privado), e as exportações.

Os dados recém divulgados são significativos: em relação ao primeiro trimestre do ano passado, notamos um crescimento de 1,3% no consumo das famílias e também um aumento de 2,7% no consumo do governo. Por outro lado, a formação bruta de capital fixo teve uma queda de 14%, e as exportações uma queda de 15,2%.

O consumo do governo e das famílias conseguiu "segurar" uma queda maior do PIB. Isto tem a ver com as medidas de estímulo ao consumo, como a redução do IPI para a compra de automóveis, eletrodomésticos, etc., como também com o aumento do crédito por parte dos bancos estatais. Tem a ver também com o aumento de gastos do governo na tentativa de mi-

nimizar os efeitos da crise. Entretanto, é muito improvável sustentar um aumento contínuo deste consumo. De um lado, a crise tende a impedir um aumento da renda das famílias. Do outro, a queda de arrecadação e o alto nível de endividamento do Estado não permitem que o governo continue injetando dinheiro na economia no longo prazo.

A queda vertiginosa nas exportações está diretamente ligada à recessão global. No caso brasileiro, boa parte desta queda tem a ver com a queda do preço dos produtos do agronegócio e dos minérios. Aqui cabe uma observação. Uma parte considerável do crescimento brasileiro nos últimos anos teve a ver justamente com o crescimento das exportações de produtos agrícolas e minerais, as chamadas commodities. Esse era o espírito do PAC, que buscava estimular obras de infraestrutura, transportes e energia alegando que com isso se conseguiria uma maior competitividade brasileira no mercado mundial.

E aqui chegamos ao ponto crucial que a dança dos números revela. A queda de investimentos privados da ordem de 14% é o maior argumento contra os "otimistas" quanto à recuperação da economia.

Numa economia capitalista os investimentos cumprem um papel crucial. De um lado, os investimentos realizados em um período são "demanda", na medida em que representam compra imediata de máquinas e equipamentos, os chamados

bens de capital. Por isso a sua queda tem um reflexo direto na indústria. Não é a toa que a indústria teve no primeiro trimestre uma queda de produção de 9,3% em relação ao mesmo período de 2008. Ao mesmo tempo, os investimentos representam um aumento do potencial da "oferta" futura. E é justamente esta produção futura que está sendo sacrificada.

Mais ainda: boa parte do aumento do investimento aqui realizado nos últimos anos foi fruto da entrada de capital externo. Quando a crise estourou este capital deixou de entrar no Brasil. Agora se comemora a volta deste capital. Mas não nos iludamos: a volta dos dólares nas últimas semanas tem a ver com movimentos especulativos de compra de ações e de títulos públicos.

O governo e os economistas que defendem o capitalismo apostaram que a economia brasileira estava sólida diante da abertura comercial e financeira decorrente da globalização. Mas eles se esquecem do essencial: todo processo de abertura só aprofundou a dependência do Brasil e dos países atrasados de maneira geral. Por isso uma efetiva recuperação do Brasil em termos capitalistas depende de uma efetiva recuperação da economia mundial. E isto ainda não está no horizonte de curto prazo. Por isso, longe de estarmos blindados, estamos ainda mais atados ao capitalismo global que passa por sua pior crise desde os anos 1930.



Fonte: Portal O Estadão

20 ANOS DE RESTAURAÇÃO CAPITALISTA

# A China e a Praça da Paz Celestial

O ano de 1989 é o ano da queda do Muro de Berlim e do massacre da Praça da Paz Celestial

Khashram al-Qasim

khashram\_alqasim@marxismo.org.br

É o ano que marca a restauração capitalista na URSS e no Leste Europeu e na China. Mas também traz junto de si o fim da era de controle quase absoluto dos partidos stalinistas sobre o movimento operário. Foi o fim do aparato stalinista internacional da burocracia do Kremlin. Foi assim um ano contraditório. Tremendas derrotas que traziam junto a possibilidade de reorganização internacional da classe operária sob novo eixo de independência de classe e a abertura de novas vias para a restauração do marxismo revolucionário entre o proletariado.

Em quatro de junho de 1989 as manifestações de centenas de milhares de estudantes chineses que se encontravam e fraternizavam com os operários chineses na Praça de Tiananmen (Praça da Paz Celestial) terminaram com uma repressão brutal feita pelo Exército do governo do Partido Comunista da China. Os stalinistas do PCC não podiam suportar o surgimento de sindicatos e organizações livres e independentes como se viu naqueles dias na Praça da Paz Celestial. A greve geral tomava Pequim e se alastrava pelo interior da China.

Deng Xiao Ping, o carrasco restaurador do capitalismo, alertava a cúpula estarecida de que era preciso “esmagar como ratos os manifestantes rapidamente ou a situação seria incontrolável”. E tinha razão em seu medo de burocrata, pois as primeiras tropas do exército enviadas foram enfrentadas, primeiro pelos estudantes e operários, depois pela própria polícia de Pequim que se amotinava. Sindicatos eram fundados e se cantava a Internacional. Delegações percorriam fábricas e cidades levando saudações e convocando a luta contra o regime corrupto dos stalinistas.

As manifestações começaram em 15 de abril. De alguns milhares no início passaram a milhões em semanas. Em 20 de maio de 1989, o governo havia decla-

rado a lei marcial que foi ignorada pelos manifestantes. Na noite de 3 de junho, o governo do PCC enviou os tanques e a infantaria do exército (com soldados chamados da Mongólia que não conheciam a língua mandarim falada em Pequim) para dissolver a manifestação permanente. As estimativas das mortes variam: 400 a 800 (segundo o *The New York Times*), 2 600 segundo a Cruz Vermelha chinesa e mais de 7.000 segundo manifestantes sobreviventes. O número de feridos é estimado em torno de dez mil, de acordo com a Cruz Vermelha. Além disso, o governo supostamente comunista prendeu milhares de participantes do movimento, expulsou a imprensa estrangeira e fez uma campanha acusando os manifestantes de “contra-revolucionários capitalistas”.

No dia seguinte a praça estava “limpa”. A imagem de um estudante desesperado, em cinco de junho, enfrentando solitariamente um tanque um tanque percorreu o mundo. Seu nome e seu paradeiro são desconhecidos.

O mesmo governo que restaurou o ca-

pitalismo na China depois deste massacre caluniava os manifestantes como “contra-revolucionários pró-capitalistas”!



Ou a burocracia ... derrubará as novas formas de propriedade e lançará o país de volta ao capitalismo ou a classe operária destruirá a burocracia e abrirá uma saída em direção ao socialismo. (León Trotsky)



Vinte anos depois, a China mudou muito. Afinal, o que se jogou de fato naquela batalha decisiva na praça central de Pequim era a capacidade da burocracia maoísta de impor uma derrota histórica à classe operária chinesa e internacional e abrir as portas da restauração capitalista na China. Seis meses depois, em novembro

do mesmo ano, caía o Muro de Berlim.

Mas, o castigo vem a cavalo. Ao mesmo tempo em que enterrava a revolução chinesa a burocracia ao entregar o país inteiro para ser o “chão de fábrica do mundo” das multinacionais está cavando sua cova. A classe operária se reforçou em centenas de milhões de proletários fabris. Ela se concentrou, aprendeu a produzir nas cidades tendo vindo do campo atrasado. Conheceu novos horizontes e é empurrada pelo sofrimento cotidiano para lutar pela sobrevivência. E toda a dor deixa marcas e ensina. O que os capitalistas-socialistas de mercado não podem impedir é que a luta de classes aflore com mais força. Afinal, a desgraça fraterniza os desgraçados e é então que eles se reconhecem como classe e começam a construir o instrumento de sua emancipação, o partido marxista revolucionário que vai retomar a grande tradição bolchevique. É, afinal, a luta de classes que move a História.

“Vinte anos não é nada”, cantou Carlos Gardel. Para a História, também. A próxima revolução chinesa abalará o mundo.



Os heróis anônimos que aparecem nas revoluções



# A China do "Socialismo de Mercado"

A restauração capitalista após o massacre da Praça da Paz Celestial abriu a China para sofrer toda a crise capitalista internacional



Colaboração aberta e anti-socialista

Luiz Bicalho

luizbicalho@gmail.com

A revolução chinesa, de 1949, foi feita contra a vontade da burocracia soviética por uma fração do PC Chinês, liderada por Mao, que foi empurrada pela situação da luta de classes muito mais longe do que pretendia na sua ruptura com a burguesia. Desde o seu nascimento havia confrontos entre a burocracia que se estabelece na China e a burocracia soviética e nunca houve uma verdadeira cooperação. Em determinados momentos (1969) temeu-se inclusive uma confrontação atômica entre os dois gigantes "socialistas" (burocráticos, na verdade). A revolução das "Cem Flores" (1956) assim como a "Revolução Cultural" (1966-69) foi aproveitada por Mao para conseguir, através da mobilização limitada da juventude e da classe operária, desestabilizar e deslocar do aparelho aqueles que se opunham a ele. A morte de Mao em 1976 modifica esta relação de forças e os caminhos que tomaria a burocracia Chinesa.

Em 1989, o esmagamento das manifestações das massas chinesas na Praça da Paz Celestial abriu caminho para

a restauração do capitalismo na China. Deng Xiao Ping, do CC do PCC, foi o condutor do processo de liquidação do estado operário chinês, burocrático desde o seu nascimento. Foi ele quem declarou frente ao impasse da economia dirigida pela burocracia: "Não importa a cor do gato. Desde que ele cace o rato." E para ele a cor do capitalismo era melhor do que a cor do socialismo, por isso definiu que iria manter o controle com uma ditadura digna de Pinochet com um suposto "socialismo de mercado" na economia.

Mas, ao contrário da ex-URSS, as diferentes frações da burocracia organizaram-se e começaram uma restauração sistemática, organizada e duramente controlada, do capitalismo.

A partir daí a China se "abriu" para as multinacionais. Criou Zonas Econômicas Especiais onde estão proibidos os sindicatos, não há lei trabalhista, os salários são de 30 dólares por mês e onde se trabalha 30 dias por mês sem folga, sem direitos e sem previdência. Criou os estabelecimentos bárbaros "3 em 1" onde se trabalha no térreo, come-se no 1º piso e dorme-se no 3º andar. Para sair é preciso permissão da segurança da fá-

brica. Quando a fábrica pega fogo, o que não é incomum, morre a maioria.

Depois o PCC abriu-se para os empresários e hoje conta com 35% de empresários em seu Comitê Central. Finalmente generalizou as medidas que tomava e descentralizou a economia, entregando as fábricas a sua própria sorte e colocando-as sob a ótica da rentabilidade capitalista. Privatizaram empresas (ficaram com muitas elas por bagatelas, como na URSS) e também os serviços como saúde, educação, aposentadorias e outros. Milhões de desempregados nas cidades, milhões no campo, revoltas em toda a China duramente reprimidas. Alegria das multinacionais. Os comandantes da restauração capitalista estão todos ricos e famosos. Este é o socialismo de mercado do PCC.



A burocratização de um Estado operário atrasado e isolado e a transformação da burocracia em casta privilegiada todo-poderosa é a refutação mais convincente não somente teórica, mas também prática da teoria do socialismo num só país. (Programa de Transição)



Com a "retomada-devolução" de Hong-Kong (1997) o PCC manteve o capitalismo nesta metrópole imensa assim como em Macau, reincorporado a China em 1999. Era mais um fator de pressão contra a economia planificada da China. Criava-se assim o monstro chamado "Dois Sistemas – Um País", que terminou no que se poderia chamar de "Um sistema capitalista – Um País dividido".

No ano passado, o Congresso do PC Chinês estabeleceu que o "capital

privado era parte componente do socialismo chinês". Acelerou-se a privatização da economia. Ainda subsistem empresas estatais, mas elas que funcionam aproximadamente como as estatais de qualquer país capitalista.

Mas, este processo levou a constituição de um gigantesco proletariado com 800 milhões de trabalhadores, sendo 320 milhões no campo, 240 milhões em "serviços" e 200 milhões de operários, de uma população de 1 bilhão e 350 milhões. Proletariado que ainda mantém laços com as aldeias camponesas – uma boa parte destes operários trabalham o ano inteiro nas cidades, mas não tem residência fixa autorizada.

Agora, com a crise que vem correndo a economia do mundo inteiro, este proletariado começa a se mobilizar. O PIB, nos últimos anos, cresceu a uma média de 10% ao ano, crescimento devido principalmente a industrialização por que passa a economia (crescimento semelhante foi observado no Brasil na década de 1970 durante a sangrenta Ditadura Militar). Agora, com a crise, o comércio exterior, que é 68% de toda a economia chinesa, caiu por volta de 25%. O que leva a previsões de queda de crescimento do PIB chinês este ano para cerca de 5% a 8% (que é insuficiente para suportar o crescimento da força de trabalho) e já levou a demissão de mais de 20 milhões de operários. Isso a crer nas estatísticas oficiais que são sempre fraudadas.

As notícias dão conta, o tempo inteiro, de centenas de greves e manifestações de operários. Hoje, a repressão burocrática que impede o acesso ao número de manifestantes mortos em 1989, tenta impedir que a classe se organize sindicalmente e politicamente. Mas, tal qual em todas as ditaduras, a repressão, cedo ou tarde, cederá frente aos golpes da classe operária e veremos a constituição de sindicatos e de partidos que representem verdadeiramente a classe operária. Este é o trabalho para o qual contribuem os marxistas organizados na Corrente Marxista Internacional



# A Dívida americana ameaça o mundo

A intervenção rápida do governo americano diante da crise conseguiu até agora impedir a quebra do sistema financeiro americano

Daniel Feldman  
dafeldbr@yahoo.com.br

As injeções de capital, empréstimos, estatizações parciais e as compras de títulos “podres”, mesmo que não tenham restabelecido a normalidade, têm sido fundamentais para que os bancos tenham solvência (possibilidade de pagar suas dívidas) e liquidez (possibilidade de transformar seus ativos em dinheiro vivo). Ou seja, ainda que ninguém saiba com precisão o volume dos prejuízos, a intervenção do Banco Central e do Tesouro dos EUA tem permitido controlar o pânico que se instaurou com a quebra do banco Lehman Brothers no ano passado.

Mas, essa farra gigantesca tem seu preço. Em primeiro lugar a transferência trilhonária de recursos escancarou ao povo americano e ao mundo o fato de que o Estado americano é controlado por uma minoria de capitalistas e especuladores. Uma “oligarquia financeira” que se recusa a aceitar as suas perdas e que tem no Estado o seu salvador e cúmplice.

Em segundo lugar, coloca-se o problema de como financiar esta gigantesca transferência de recursos, inédita na história. A dívida pública dos EUA já ultrapassa os US\$ 10 trilhões – cerca de 8 vezes o PIB do Brasil. Também o déficit público – a diferença entre gastos e arrecadação do governo dos EUA – aumentou tremendamente e está estimado para US\$ 1,8 trilhão em 2009.

Evidentemente não se coloca a questão de aumentar os impostos para cobrir o déficit, pois isso aumentaria ainda mais a queda da atividade econômica. O endividamento tem sido a forma principal



Trabalhadores da FIAT-Italia contra demissões

pelo qual os EUA têm financiado seus gastos. Em especial, a venda de títulos públicos americanos tem possibilitado o governo americano viver “além de suas posses”.

## O PODER DO DÓLAR

A possibilidade de “viver além de suas posses” está relacionada com o poder particular do dólar na economia mundial. Desde 1944, com os Acordos de *Bretton Woods* no pós-guerra, a supremacia dos EUA impôs o dólar como o padrão monetário internacional<sup>1</sup>.

O poder do dólar oferece aos EUA vantagens na economia e política mundiais. É o único país do mundo que tem o poder de emitir a moeda que serve de base às suas importações e ao pagamento de sua própria dívida externa!



Bretton Woods visava salvar o capitalismo internacional. Criaram o FMI e o Banco Mundial para estabilizar o mundo e impedir novos cataclismas como a Grande Depressão (1929) e a II Guerra Mundial. O fracasso é evidente.

E em função do poder da moeda americana os outros países constantemente precisam de enormes quantidades de dólares para suas transações. É isso que explica porque países como a China, Japão e secundariamente o Brasil, compram trilhões de dólares em títulos americanos, o que na prática significa emprestar capital aos EUA e ajudá-lo a custear seus gastos.

Os títulos americanos rendem juros baixos em comparação a outras aplicações, como por exemplo, os títulos da dívida pública brasileira. Mas mesmo assim continua-se a comprar os tais títulos.



Trabalhadores da montadora SsangYong em greve, as faixas dizem: “demissões são assassinatos”

Como eles têm altíssima liquidez - podem ser comprados e vendidos a qualquer momento - e o dólar é o sangue da circulação global do capitalismo, os títulos atraem capitais de todo o mundo.

## AS DORES DE CABEÇA DA RESSACA...

Pelo menos até agora tem sido assim. Mas, mesmo se os EUA historicamente têm a força do dólar como trunfo surtem pedras no caminho...

O rombo no Orçamento aumentou tanto que se começa a duvidar da capacidade dos EUA arcar com sua dívida com a mesma eficácia e garantia de antes. A incapacidade de recuperação econômica no curto prazo aumenta ainda mais essa apreensão, pois não há perspectiva de aumento efetivo de arrecadação com impostos.

“Desde o dia 4 de junho o mercado financeiro internacional manifesta um movimento de rejeição dos títulos do tesouro dos EUA de curto prazo” (OESP, 09/06). Na prática isso quer dizer que os capitalistas e governos estrangeiros estão passando a exigir um juro maior para continuar emprestando para o governo de Barack Obama.

(1) O centro deste Acordo era a obrigação de cada país adotar uma política monetária que mantivesse a taxa de câmbio de suas moedas dentro de um determinado valor indexado ao dólar — mais ou menos um por cento — cujo valor, por sua vez, estaria ligado ao ouro numa base fixa de 35 dólares por onça Troy. Em 1971, diante da desconfiança internacional de que os EUA “fabricavam” dólares sem o correspondente equivalente em ouro, para proteger o capitalismo EUA, Richard Nixon, então presidente dos Estados Unidos, suspendeu unilateralmente o sistema de Bretton Woods, cancelando a conversibilidade direta do dólar em ouro. Um calote universal!



# A CPI da Petrobras e a CUT

A direita organiza uma CPI para negociar com o governo. A direção da CUT esquece que o governo manobra para privatizar o petróleo e a Petrobras



Manifestação popular no Rio de Janeiro

Luiz Bicalho

luizbicalho@gmail.com

A Petrobras tem a maioria do capital votante da União, mas a maioria de suas ações que rendem dividendos é capital privado. Neste sentido é correta a campanha de “Petrobras 100% estatal”, assim como é correto denunciar os leilões de petróleo que a ANP vem realizando, conforme a CUT vem fazendo, exigindo que retorne o monopólio estatal do petróleo<sup>1</sup>.

Esta campanha, entretanto, tem um pequeno porém: ao não exigir imediatamente a revogação da lei 9.478 e ao colocar a exigência do “fundo soberano” a CUT desliza em confundir a sua posição com a posição do governo, que é uma posição privatista. O governo disfarça sua posição com a história de construir outra estatal “100% nacional” que controle o pré-sal e faça licitações. O “fundo soberano” do governo é para investir no exterior, ou seja, para aumentar a especulação financeira.

Numa carta a Lula assinada pela direção da CUT de 30-08-08<sup>2</sup> estes problemas ficam flagrantes:

*Com relação ao PETRÓLEO, defendemos a imediata suspensão de todos os leilões; o estabelecimento de um novo marco regulatório para o petróleo da camada pré-sal, que garanta*

*ao Estado brasileiro e à Petrobras a exploração – o que inclui a condução do ritmo de extração das reservas, conforme estratégia de médio e longo prazo – e a comercialização e distribuição; definição de políticas para fortalecimento e criação de cadeias produtivas de fornecedores de equipamentos e tecnologia para a Petrobras e de refino e industrialização do petróleo extraído; a criação de um fundo subordinado ao Estado brasileiro, com controle social, com a função de gerir os recursos advindos do pré-sal e para decidir seu destino, com prioridade para projetos de educação, saúde, pesquisa e tecnologia, infra-estrutura, segurança e cultura.*

Ao colocar a questão dessa forma a direção da CUT “esquece” que a posição do governo é por um novo tipo de privatização, um “novo marco regulatório”,



Obviamente a intenção da direita com a CPI é desmoralizar a Petrobras e o governo. O problema é que a política do governo faz a mesma coisa. Para defender a Petrobras é preciso combater o governo



uma nova empresa “100% estatal” que faça as concessões sob contrato e a favor de um “fundo soberano”.

Para ser coerente com o “controle social”, é necessário lembrar que existem duas grandes classes que determinam o rumo do país, a burguesia e os trabalhadores. E o único controle social que não seja os “ricos” controlando é com a organização dos trabalhadores em comitês de fábrica, de empresas, que controlem a produção e os investimentos. Em outras palavras, é batalhar por um estado socialista que substitua o atual estado capitalista. Fora disso é conversa para boi dormir que todos os capitalistas adoram um “controle social” desde que o “social” fique na conta dos trabalhadores e o “controle” seja exercido por eles.

A CUT deve mobilizar contra a CPI e também contra a proposta de regulamentação de Lula, que o Ministro Lobão já apresentou a imprensa, destacando que a Petrobras terá um papel importante, mas que se manterão as concessões privadas “em novo modelo”. Esquecer que o governo está caminhando nesta direção é enganar o povo que se mobiliza junto com a CUT.

A dificuldade de instalação da CPI da Petrobras é resultado da “confusão” onde tudo o que interessa é preservar postos na Petrobras e fontes de financiamentos eleitorais vinculados a empresa. Até o PCdoB que se diz comunista tenta colocar um senador na CPI para impedir a investigação da ANP<sup>3</sup> deixando a relatoria da CPI das ONGs e criando mais uma confusão, quando a oposição se auto-indica para substituir um relator do governo! E aí, o PMDB (leia-se Renan) não se entende sobre quem deve ser o relator para que o relatório não prejudique suas bases na Petrobras, briga com o PT que briga com o PMDB pelos nacos da Petrobras e o petróleo a

esta altura que um dia já foi “o petróleo é nosso” se torna “o petróleo é de alguns poucos aqui para financiar sua campanha eleitoral”.

Se o governo quiser realmente derrubar a CPI da Petrobras ao invés de se submeter as chantagens de Renan e Cia, o governo deveria mobilizar o povo para derrubar a atual lei do petróleo, suspender já todos os leilões de petróleo, revogar a lei de petróleo por Medida Provisória, extinguir a ANP por meio de Medida Provisória, etc.

**E chamar os trabalhadores a constituir comitês em todas as companhias de petróleo para garantir a Petrobras pública, para garantir a retomada das plataformas hoje em mãos de empresas estrangeiras.**



Quem leiloea é o governo Lula

(1) ver em <http://www.cut.org.br/content/view/14819/> e [http://www.presal.org.br/uploads/documentos/24\\_documentos\\_moraes\\_fasubra.pdf](http://www.presal.org.br/uploads/documentos/24_documentos_moraes_fasubra.pdf)

(2) [http://www.presal.org.br/uploads/documentos/17\\_documentos\\_67\\_09\\_09\\_pres\\_lula.pdf](http://www.presal.org.br/uploads/documentos/17_documentos_67_09_09_pres_lula.pdf)

(3) Lembrando que a ANP é dirigida por um ex-deputado do PCdoB e que vem promovendo os leilões, contra os quais o partido se manifesta diuturnamente. Coerência não parece ser o grande motivador do Partido, ao que tudo indica.



# Balanço da greve dos servidores de Campinas

A greve dos servidores municipais de Campinas que começou com ampla adesão e muita combatividade depois de 20 dias, terminou numa assembléia dividida e com a sensação de que algo melhor poderia ser conquistado.

Renata C. Vaz  
renatacvaz@ig.com.br

**L**ogo no começo da greve, os marxistas explicavam: “*Há dois perigos para o movimento grevista hoje: o espontaneísmo e o esquerdismo. O primeiro implica em rebaixar as tarefas políticas do movimento ao âmbito meramente econômico-sindical e em acreditar que não é necessário piquetes e nem comando para manter o movimento fortalecido. O segundo implica em querer resolver todos os problemas numa única ação bem radical e de impacto midiático. Ambas as posições acabam sendo irresponsáveis com os trabalhadores em greve.*”

As idéias esquerdistas não fizeram eco na categoria, mas o espontaneísmo prevaleceu. Os trabalhadores contavam com uma grande vontade de lutar pelos 18% de reposição salarial e outras reivindicações, porém, a direção sindical não soube dar uma resposta política ao movimento: ora deixava a categoria sem um norte, fingindo-se de “democrática”, para não tomar posições nos momentos mais importantes e ora discursava tecnicamente sobre os limites orçamentários da Prefeitura, capitu-



Grevistas coupam o Palácio dos Jequitibás

lando frente a Lei de Responsabilidade Fiscal.

Trata-se de um claro exemplo de como atuam os reformistas nos casos em que a luta avança para além do que eles gostariam. Seguem o movimento, ao invés de dirigi-lo. Ao invés de agrupar e tornar o movimento mais sólido eles deixam as forças se dissipar.

A categoria foi duramente reprimida, moral e fisicamente. A Guarda Municipal (GM) e a Polícia Militar (PM) iniciaram um confronto com os servidores, quando os trabalhadores tentavam se manifestar no Paço Municipal. Houve agressões e muito gás de pimenta. Três trabalhadores foram levados para a delegacia e depois liberados.

O governo veiculou propagandas anti-sindicais no horário nobre das principais emissoras de TV e nos jornais impressos, ameaçando os grevistas com desconto dos dias parados e com contratações de Fura-Greves. Ordenou publicamente o retorno ao trabalho, encerrando as negociações, e intimou a Polícia Militar a agir para evitar piquetes e passeatas.

Dr. Hélio pediu também a intermediação da justiça, mas avisou que só negociaria se o sindicato tivesse poderes para assinar um acordo na Junta de Conciliação, sem precisar discutir nada na assembléia. E não é que o sindicato foi pedir para os trabalhadores uma carta branca para negociar com o governo?

A proposta dividiu a categoria: muitos perceberam a manobra do governo, que queira ditar a forma de organização da categoria, para impedir que a assembléia decidisse os rumos do movimento. Muitos, porém, confiaram na direção do sindicato, frente ao impasse instalado e ao esvaziamento da greve.

Os trabalhadores se sentiram acuada pelo governo extremamente anti-sindical e, por outro lado, não vendo um direcionamento eficaz da entidade sindical, foram se cansando e retornando aos seus locais de trabalho.

A direção sindical, por sua vez, conseguiu aprovar numa assembléia tumultuada a carta branca e aceitou a proposta do governo (3% no salário



Servidores em massa nas ruas de Campinas

agora, mais 2,79% em dezembro, e R\$28 no vale-alimentação), encerrando a greve.



O aprofundamento da crise já provocou queda acentuada de arrecadação federal, estadual e municipal por sete meses seguidos. Isto amplia os ataques e provoca resistência. Os servidores lutam apesar dos dirigentes



## PAPEL DO PT E DOS MARXISTAS

Os servidores petistas estiveram na linha de frente da greve. Estavam na liderança dos principais setores públicos, educação e saúde, e no comando de greve. Organizaram comandos regionais e atividades que deram sustentação à greve. Outros militantes de base e alguns membros do Diretório Municipal, incluindo o presidente do PT local, estiveram presentes, o que na prática coloca em contradição a aliança que se mantém entre o próprio PT e o atual governo.

Os marxistas se destacaram na organização dos trabalhadores da Saúde e no

trabalho paciente com os guardas municipais, onde muitos estavam a favor da greve, queriam participar e chamavam o Sindicato para realizar conversas nas bases da GM (para enfrentar os chefes, que agem como se fossem coronéis da PM).

Os camaradas da Flaskô, fábrica ocupada de Sumaré, por diversas vezes estiveram presentes para prestar solidariedade e dar força para nossa intervenção.

Além disso, como dissemos no início da greve buscamos explicar que “é preciso avançar e aprofundar a discussão política. Elevar a batalha pelas reivindicações para o terreno político significa explicar pacientemente à população trabalhadora que a greve não é a responsável pela péssima qualidade da saúde e da educação e sim o governo - para desgastá-lo e isolá-lo, forçando o PT e o PCdoB a romper a aliança que mantém na cidade com PDT, PMDB e DEM”!

“Significa também explicar que as condições de vida dos trabalhadores só melhoram com greve, com luta, porque senão o capitalismo e sua crise mundial vão arrastar a humanidade para a barbárie. E enfim, significa explicar que o movimento grevista é pela unidade dos trabalhadores e por uma greve geral no país contra a crise e pelo socialismo”!

Continuaremos nosso trabalho de agrupar os servidores e os petistas que se mantêm fiéis à luta pela emancipação dos trabalhadores!



# Resistência e luta na USP



Assembléia Geral da USP

A Polícia militar, pela primeira vez em trinta anos, entrou na USP para atacar estudantes, professores e funcionários numa tarde de sangue, bombas e tiros.

Abdeir Jóia Chrispim

Abdeirjc@gmail.com

No início de Maio, os funcionários, primeiro a sentir os efeitos da crise capitalista, entraram em greve. Um corte de 5.200 trabalhadores foi anunciado. O companheiro Claudionor Brandão (líder sindical do Sindicato dos trabalhadores da USP - SINTUSP) foi demitido por organizar um piquete junto com os trabalhadores terceirizados. A promessa de um reajuste salarial não cumprido havia colocado os trabalhadores em luta com uma forte greve.

Professores e funcionários discutiam nas suas instancias a possibilidade de aderir à greve. A principal reivindicação dos docentes era, também, um reajuste salarial não cumprido e os estudantes se mobilizavam para barrar a UNIVESP (Programa do governo do Estado de São Paulo de ensino a distância), barrar a repressão, contra a demissão de Brandão e contra a redução de verbas por conta da crise.

Foi quando a reitora Suely Vilela pretendeu dar um tiro de misericórdia na greve dos funcionários. Para impedir que um piquete, instrumento legítimo da luta dos funcionários, em frente o prédio da reitoria ocorresse, ela chamou a tropa de choque da Polícia Militar, com seus escudos, bombas e cassetetes. A polícia militar não entrava dessa forma na universidade desde 1979, desde os anos de

chumbo da ditadura militar.

A atitude demonstrou o caráter do governo Serra que está preparado para acabar através de repressão brutal com a luta dos movimentos sociais e como a reitoria negocia com os funcionários, professores e estudantes.

Mas, a pretensão da reitoria de acabar com a mobilização dos funcionários através da repressão policial foi o seu maior erro. O tiro saiu pela culatra. A entrada da PM deu outro caráter à mobilização, as assembleias estudantis encheram, greves começaram a ser tiradas nos cursos, os estudantes paralisaram as aulas e intensificaram as discussões. Dois dias depois da entrada da PM em assembleia extraordinária os professores decidiram pela greve! Na quinta, a assembleia geral dos estudantes decidiu pela greve numa gigantesca assembleia em frente à reitoria!



A resposta à repressão transformou as assembleias e Atos em manifestações de massa. Isso mostra que os trabalhadores e a juventude vão resistir e se prenciam grandes combates de classe É preciso estender a luta



Os estudantes aprovaram que não haveria aula com a polícia dentro da universidade. Foi tirada uma pauta unificadora com três pontos fundamentais: Fora PM da universidade! Fora Suely, diretas para reitor! Abaixo a UNIVESP!

O indicativo foi construir a mobilização nos cursos que ainda não haviam aderido à greve e expandir a luta para as

outras universidades estaduais. Atos públicos foram aprovados na assembleia e a greve dos funcionários que caminhava para o fim ganhou força com a unificação dos três setores.

Em 09/06 foi decidido um grande ato unificado com os três setores e com as estaduais paulistas (USP, UNESP, Fatec e Unicamp) em frente ao portão 1 da USP para repudiar a presença da polícia no Campus e exigir “Fora PM” e “Fora Suely”. A polícia militar entrou em confronto com os estudantes, funcionários e professores transformando a universidade em uma praça de guerra durante a tarde toda. A tropa de choque não poupou força para reprimir brutalmente os manifestantes. Foi lamentável ver a polícia atirando bombas dentro da universidade, local onde as discussões são resolvidas através de debates e confronto de idéias.

A resposta dos alunos, professores e funcionários foi imediata: Uma assembleia geral dos estudantes no mesmo dia decidiu a intensificação da greve, o prédio da História e Geografia foi ocupado pelos estudantes. A assembleia dos professores (a maior dos últimos anos) aprovou a permanência da greve enquanto Suely Vilela se mantiver no cargo. Na UNICAMP funcionários e estudantes, diante do que ocorreu na USP, aprovaram greve.

Agora é hora de o movimento intensificar suas lutas, fazer ecoar em todo o Estado, em todas as universidades es-



Polícia, bombas e tiros

taduais, o que ocorreu dentro da USP. Deve-se exigir das entidades centrais dos estudantes o comprometimento de dar os meios para que todos os campi do Estado aproveem greve contra a repressão.

Construir um grande ato unificado na cidade de São Paulo tem que estar na ordem do dia. Nosso dever é defender cada conquista e cada centímetro de terreno conquistado. Se essa luta é contra o responsável direto que é o governo do Estado, também é verdade que esta situação é praticamente a mesma nas Universidades Federais.

Para resolver definitivamente esta situação é preciso lutar para enterrarmos de vez o capitalismo e criarmos uma nova sociedade, sem patrões e sem PMs.



A Polícia Militar invade o campus



# Uma vitória da JR no Congresso da AME

Militantes da JR mostram força durante o congresso da Associação Matogrossense dos Estudantes



Juvenute Revolução de MT intervem no Congresso da AME defendendo vagas para todos!

Estéfane Emanuél Ferreira

estefaneemanuele@gmail.com

Nos dias 13 e 14 de junho aconteceu na cidade de Poconé-MT o 13º Congresso da AME (Associação Mato-Grossense dos Estudantes Secundaristas). A Juventude Revolução (organização de jovens da Esquerda Marxista) apresentou a tese “AME de Luta e Socialista”, e contou com uma bancada forte e atuante participando de forma combativa na defesa de todas as nossas políticas.

Éramos, de fato, a segunda maior força do congresso. A UJS (União da



Levantamos a luta de vagas para todos ... defendemos a reestatização das estatais privatizadas, contra as demissões de trabalhadores sendo a única saída para a crise o socialismo, e que o governo Lula rompa a coalizão com os partidos da burguesia

Juventude Socialista – PCdoB) dividiu a sua delegação com a corrente do PT “CNB” em razão de um acordo nacional.

Foi uma fantástica vitória para a nossa organização em Mato Grosso. O Congresso ajudou a refundar a entidade que se encontrava nas mãos de partidários do prefeito de Cuiabá Wilson Santos (PSDB). A entidade sempre votava contra o passe-livre e apoiou o prefeito todas as vezes que ele aumentou a tarifa do transporte coletivo. Em nossas falas estava sempre presente a vontade de trazer a AME de volta para a luta e em favor dos estudantes.

Nossos militantes se destacaram, principalmente, no grupo de trabalho sobre o movimento secundarista – defendendo a ampliação do passe livre em Cuiabá e a sua criação em todas as cidades do estado, também como contra o governador Blairo Maggi (PR) que investe massivamente no agronegócio (latifúndio) e deixa a educação em último plano.

Já o grupo de discussão sobre acesso à universidade, um dos mais importantes e com maior presença de estudantes, os representantes de nossa tese foram contrários às cotas e ao vestibular unificado, colocando que são mecanismos criados pelo governo

porque ele não investe no ensino público desde o ensino fundamental para melhorar a sua qualidade, não amplia e não constrói mais universidades no Estado e em todo o Brasil.

Levamos a luta de vagas para todos nas instituições públicas de ensino superior, antiga bandeira da UBES e da UNE abandonada há tempos em razão do grupo majoritário presente nessas entidades que só fazem atender ao governo.

As divergências em votação na plenária final foram divididas em dois blocos: educação e conjuntura nacional. Sobre a educação os pontos contrários foram no âmbito nacional: as cotas e o vestibular unificado. Já sobre conjuntura nacional, defendemos a reestatização das estatais privatizadas, contra as demissões de trabalhadores sendo a única saída para a crise o socialismo, e que o governo Lula rompa a coalizão com os partidos da burguesia e governe junto com a AME, UBES, UNE, e organizações do povo em prol da classe trabalhadora que o reeleger.

A JR elegeu 16 delegados, centrando o trabalho na capital Cuiabá e nas duas principais escolas de MT: a Escola Estadual Presidente Médici (maior escola do estado com quase cinco mil alunos) e o IFMT (Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia - antigo CEFET-MT). No processo de preparação ao Congresso, os militantes da JR



Militante da JR intervindo no plenário

passaram de sala em sala pedindo contribuição aos estudantes para pagar o ônibus até o Congresso, e arrecadaram R\$ 200,00! Uma demonstração de independência financeira, que nos garante a independência política da prefeitura e do Estado.

Através da proporcionalidade de bancada, elegemos três diretorias na AME: Na executiva a Secretaria Geral, e as outras duas foram as Coordenações de Ensino Técnico e de Combate ao Racismo. Ainda durante o Congresso outros 3 delegados que estavam com as posições da UJS/CNB foram ganhos para a política da Esquerda Marxista. O saldo maior do Congresso foi a vontade dos novos militantes da JR de estar na luta por uma sociedade mais justa e igualitária, esses jovens estudantes darão novo fôlego nas lutas estudantis no Estado de MT.



Reunião da Juventude Revolução organiza a intervenção no plenário do congresso



# Todos ao Encontro Nacional da JR (12° ENJR)

Reproduzimos abaixo trechos da convocatória do 12° encontro nacional da juventude revolução (ENJR)

Nos dias 05, 06 e 07 de setembro de 2009 ocorrerá o 12° ENJR, em São Paulo, contando com a presença de jovens delegados e convidados de vários Estados do Brasil, para organizar a luta em defesa dos empregos contra as demissões, de vagas para todos na educação pública, e de um mundo socialista. Participe você também!

Comitê Nacional da JR

contato@revolucao.org

## UMA CRISE DE SUPERPRODUÇÃO

...  
 Durante a última década a juventude, os trabalhadores, e suas organizações cobraram do governo Lula mais verbas para educação, para a Reforma Agrária, para o emprego e para as reivindicações populares, a resposta foi sempre “não tem verba”. E agora vemos bilhões de dólares saindo dos cofres públicos do Brasil e dos grandes países do mundo para tentar salvar os capitalistas. Não têm dinheiro para as reivindicações da juventude e dos trabalhadores, mas têm dinheiro para a burguesia?

## CAPITALISMO, O FEITICEIRO QUE JÁ NÃO PODE CONTROLAR SEUS



## PODERES INFERNAIS

...  
*“As relações burguesas de produção e de troca, (...) assemelham-se ao feiticeiro que já não pode controlar os poderes infernais que pôs em movimento com suas palavras mágicas. (...) a história da indústria e do comércio não é senão a história da revolta das forças produtivas modernas contra as modernas relações de produção, contra as relações de produção que condicionam a existência da burguesia”* (Manifesto Comunista – Marx e Engels).

As condições objetivas para enterar o capitalismo estão maduras, nossa tarefa é construir então as condições subjetivas, a organização revolucionária mundial, a Esquerda Marxista, a JR, e a Corrente Marxista Internacional. Entender o momento político, seus desdobramentos, estudar, formar e organizar a juventude, essa é a disposição do 12° Encontro Nacional da Juventude Revolução.

## CONSTRUIR UMA GRANDE CAMPANHA EM DEFESA DOS EMPREGOS

O Manifesto Comunista de Marx e Engels explica que a burguesia só tem duas maneiras de sair das crises: *“De um lado, pela destruição violenta de grande quantidade de forças produtivas; do outro, pela conquista de novos mercados e pela exploração mais intensa dos antigos.”*

...



Estão certos os trabalhadores da Flaskô, Fábrica ocupada que resiste há seis anos sob controle dos trabalhadores, ao afirmar: *“Os trabalhadores não são responsáveis pela crise, pelo desemprego, pela miséria. Os patrões durante anos e anos tiveram lucros bilionários e quando vem a crise que eles mesmos causaram, não mais recolhem os impostos, nem os direitos trabalhistas ou previdenciários. Demitem os trabalhadores e quebram fraudulentamente ou fecham as empresas deixando os trabalhadores sem nada. Frente às ameaças patronais de demissão, fechamento, corte de direitos, é preciso organizar greves, manifestações e a ocupação das fábricas ameaçadas, exigindo que o governo Lula, eleito pelos trabalhadores, estatize as fábricas para garantir todos os empregos e evite a catástrofe social que os capitalistas organizaram”*. (Carta Aberta do Encontro Operário e Popular)

O próximo período será um momento difícil para os trabalhadores e para a juventude. Prepara-se um brutal ataque aos direitos e aos empregos. Neste momento o papel dos jovens revolucionários é ajudar os trabalhadores a defenderem seus empregos, e, portanto, o 12° ENJR deve lançar uma campanha nacional **“Em defesa dos empregos, nenhuma demissão!”**.

## CONTINUAR A LUTA POR VAGAS PARA TODOS NA EDUCAÇÃO PÚBLICA E GRATUITA, DE QUALIDADE, PARA TODOS!

...

Para a JR o centro da luta do Movimento Estudantil deve ser a de universalização do ensino público, portanto

mais recursos para a educação em todos os níveis. Por isso o 12° ENJR dará um novo impulso na campanha **“Vagas para todos nas Universidades Públicas!”**. Não aceitamos paliativos e políticas que se apresentam como “democratização do acesso” mas que na realidade não criam uma só nova vaga. Assim é a política de cotas, que além de dividir as poucas vagas existentes, jogando um estudante contra o outro na disputa delas, vem acompanhado da política imperialista do “racionalismo” (políticas públicas que determinam direitos e deveres segundo a cor da pele, religião etc.).

...

Os jovens revolucionários devem explicar aos estudantes secundaristas e universitários que a batalha central é a de vagas para todos já e defesa da educação pública, fazendo a ponte entre essas lutas e a derrubada do capitalismo. É também tarefa do 12° ENJR impulsionar a luta pelo Passe-Livre Estudantil e a campanha **“Fora Tropas Brasileiras do Haiti”**. Impulsionar a construção de verdadeiros Grêmios-livres estudantis, Centros Acadêmico, e outras entidades estudantis, para que sirvam como verdadeiro instrumento de luta da juventude por um mundo com lazer, cultura, educação, trabalho e diversão, um mundo socialista!

- Emprego para todos!
- Educação Pública e Gratuita para todos em todos os níveis!
- Viva a luta dos trabalhadores e o socialismo!



# Eleições no Sintrase – Florianópolis

A CHAPA 1 - A HORA É DE UNIDADE PARA RESISTIR AOS ATAQUES! NENHUM PASSO ATRÁS!



Campanha salarial dirigida pelos integrantes da chapa 1, atual diretoria

O mundo está passando por uma crise econômica brutal, provocada pelos capitalistas que querem jogar a conta nas costas da classe trabalhadora, retirando direitos trabalhistas e

jogando milhões no desemprego. Os governos federal, estadual e municipal aplicam a política que salva banqueiros e empresários, e provoca mais demissão.

Sua política é privatização, reformas para retirar direitos da previdência, lei de responsabilidade fiscal, precarização do serviço público, terceirização de serviços de manutenção, limpeza pública, segurança, saúde, saneamento, abastecimento de água, e educação.

O prefeito Dário Berger (PMDB) tem implementado as políticas dos governos Lula e Luiz Henrique (PMDB-SC). Impôs na Câmara de Vereadores o “patrolamento”. Enviou projeto de privatização da aposentadoria dos servidores, corte da extensão de jornada, negativa de reajustes da remuneração dos servidores efetivos, terceirizações, etc.

É neste momento difícil que a categoria irá às urnas para eleger a próxima diretoria do SINTRASEM, nos dias 4 e 5 de agosto de 2009.

O desafio que está posto para os trabalhadores (as) da PMF e da COM-

CAP é resistir a esta tremenda onda, lutar em defesa dos direitos e conquistar ainda mais. Isso será possível mantendo o SINDICATO FORTE e com um plano de ação que organize as lutas concretas da categoria. Esta é a Chapa que defende a CUT democrática, de luta, independente e socialista.

Assim pensam os companheiros da CHAPA 1- UNIDADE, RESISTÊNCIA E LUTA que têm contribuído ao longo da história do SINTRASEM com sua firmeza e disposição de luta, pelos direitos da categoria, e que se propõem a continuar este trabalho.

- Fortalecer o Sintrase!
- Independência de governos e patrões!
- Em defesa dos direitos!
- Combater a divisão do movimento sindical!
- Por nenhum direito a menos!

## Serra ataca professores

Coletivo LUTE!\*

coletivo\_lute@yahoo grupos.com.br

Na rede municipal paulista, o SINPEEM, dirigido majoritariamente pelo PPS, mas também por PSOL, PSTU e PT, enterrou a campanha salarial aceitando 0% de reajuste real.

Seguindo a política imposta por Ser-

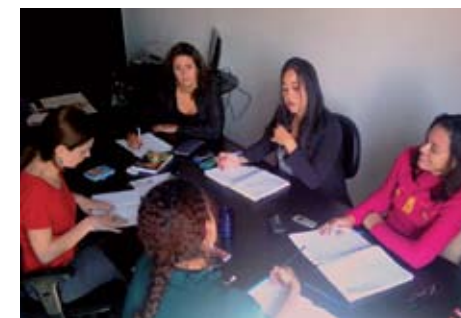
ra desde 2006, a campanha deste ano começou pautada pelos 17,5% de incorporação das gratificações, que, aliás, já estava acordado desde 2008. Desde a primeira assembléia o sindicato não apresentou um índice para reposição da inflação e reajuste real e aos poucos nos boletins somente se via “17,5% já!”. Mas nem estes 17,5% o governo aceitou dar, oferecendo somente 8,75%

de incorporação das gratificações sobre o salário base de 2007.

Estejamos atentos, pois a direção do SINPEEM não parece preocupada em defender o salário da categoria que vem perdendo poder de compra a cada ano. Na rede estadual paulista a situação é pior. Desde o início do ano os professores sofrem todo tipo de desqualificação pela Secretaria Estadual de Educação que ameaçou impor a “provinha” para atribuição de aulas aos OFAs.

A APEOESP, ao invés de preparar a mobilização, seguiu a medida por via jurídica, evitando se enfrentar com a categoria mobilizada em plena campanha salarial. A luta pelos 27,5% de reajuste ficou em segundo plano.

Serra se aproveitou da situação para apresentar dois projetos de lei, o PL 19 e o PL 20, que se aprovados, significarão a maior derrota dos últimos anos. O PL19 além de rerepresentar a “provinha” para os OFAs introduz o absurdo sistema de “quarentena” onde



Reunião do Coletivo LUTE! em 6/6 - São Paulo

os servidores selecionados, após dois anos, ficam impedidos de nova contratação por um ano inteiro. Já o PL 20 prevê concurso público para 10 mil vagas quando são necessárias 100 mil. Diante desta situação cerca de cinco mil professores compareceram à última assembléia, mas ficaram indignados ao verem PT, PC do B, PSTU e PSOL em unidade contra a proposta de greve da categoria. Ironicamente, todos se dizem contra os PLs. Resta saber como pensam enfrentá-los.

Só há uma forma: Greve já! Todos à ALESP! na próxima assembléia, 16/6 às 14h.

\* Luta Unida dos Trabalhadores da Educação

### Coletivo LUTE!

Luta Unida dos Trabalhadores da Educação

Em quatro de abril, cerca de 20 educadores reuniram-se para discutir a atual crise e a situação dos professores e seus sindicatos. Concluíram por constituir um coletivo para discutir e agir no combate ao imobilismo e pela unidade das categorias na luta por melhores

condições de trabalho e de salário, e em defesa da educação pública e de qualidade. O coletivo segue realizando reuniões mensais e a próxima será 11/07.

Entre em contato pelo e-mail: coletivo\_lute@yahoo grupos.com.br



# A Geopolítica do capitalismo na Amazônia

Com este artigo o JLC começa uma série sobre a Amazônia e as políticas que buscam privatizar essa região de imensas riquezas



Carlos Alberto Franco da Silva<sup>1</sup>

[carlosfds@terra.com.br](mailto:carlosfds@terra.com.br)

Flávio Almeida Reis<sup>2</sup>

[reis.geografia@gmail.com](mailto:reis.geografia@gmail.com)

**I**nciamos um conjunto de contribuições para o debate sobre a expansão da fronteira capitalista na Amazônia brasileira. Nossa meta é ajudar a prática revolucionária de formação política dos trabalhadores do campo e da cidade em sua luta de classes na Amazônia.

A questão ambiental no Brasil envolve dois padrões de desenvolvimento que se apresentam como contraditórios na aparência, mas são parte integrante do modelo capitalista de produção.

O primeiro possui uma vertente industrial, mineral e agrícola e consolidou-se a partir de 1960. A abertura da fronteira agrícola capitalista, a expansão da fronteira urbana, a exploração do subsolo, os projetos de colonização privado e oficial e a instrumentalização técnica do território eram parte da geopolítica de integração econômica do país em direção às regiões consideradas “periféricas”. Logo, projetou-se na Amazônia o imaginário de região atrasada e vazia, a fim de legitimar um processo de inserção de áreas privilegiadas nos circuitos de acumulação de capital em escalas global

e nacional. Para tanto, o desmatamento se afirma como ideário de inserção do Cerrado e da Floresta Equatorial no projeto desenvolvimentista do Estado.

O “país do futuro” possuía uma natureza rica, mas hostil. O progresso demandava controle da natureza. A sacção da Natureza convocava a nação para a marcha rumo ao Norte, ao Oeste, ao Sertão. A Amazônia era o Eldorado a ser conquistado. Tais signos escamotearam as lutas de classes no Brasil. A abertura da fronteira se tornava uma válvula de escape para as questões fundiárias. A nação una e indivisível se afirmava na incorporação de terras e uso indiscriminado dos recursos do subsolo. Tal imaginário ainda se verifica quando se analisa os projetos capitalistas previstos para a Amazônia. Assim, os capitalistas subordinaram os trabalhadores à sua ideologia dominante. Ou seja, mascararam seus interesses particulares como interesses nacionais. Entre 1960 e 1985, a nação foi colocada a serviço do ideário desenvolvimentista do país. Toda oposição era vista como ameaça comunista aos interesses nacionais, mas na verdade ameaçava os pecuaristas, sojicultores, industriais e grupos mineradores.

O segundo padrão, a partir de 1980, possui uma vertente tecno-ecológica. A questão ambiental passa a ser uma

preocupação do capital, a defesa de saberes culturais e a manutenção da biodiversidade se tornam estratégicos para aumentar os lucros. É como se o capital se vestisse de verde, um “eco-capitalismo”, com preocupações agroecológicas. Desenvolvimento sustentável, crédito de carbono e aquecimento global são alguns dos pontos-chaves dessa agenda. A Amazônia encerra esses dois padrões de acumulação. O agronegócio, de um lado, e a agro-ecologia, do outro, simbolizam o debate entre duas aparentes forças contraditórias. Se o agronegócio na Amazônia representa um padrão que demanda expansão da lavoura, desmatamento, concentração fundiária e exclusão social, a agro-ecologia revela duas faces. Uma delas envolve os movimentos sociais de resistência ao agronegócio. A outra apesar do discurso contra-hegemônico ao capital não é capaz de revolucionar a sociedade. Trata-se de um discurso radical que não combate as raízes do sistema, mas somente tenta reformá-lo; Acaba sendo uma “prática humanista” que não vai até o fim dos reais problemas. Não busca a destruição do mercado capitalista e suas leis orientadas para acumulação. Sem esse combate, não é possível inverter a situação que temos hoje: alimentos sendo produzidos, não

para alimentar pessoas, e sim para dar lucro às grandes corporações. A luta contra a propriedade privada dos meios de produção e pela planificação da economia, isto é, o planejamento democrático da produção, circulação e consumo das mercadorias, são as bandeiras dos revolucionários, e isso não aparece no cerne da luta pela agro-ecologia.



Com Marina Silva, no Ministério de Meio Ambiente, Lula deu sinal verde para os leilões de terra na Amazônia, anunciados em entrevista em Nova York



Outro debate é a atuação do Estado, que é contraditório, mas funcional ao capitalismo. Os embates atuais entre os ministérios da Agricultura e Planejamento X Meio Ambiente revelam as contradições da coalizão que compõem o governo Lula. Debateremos isso nas próximas edições.

(1) Professor de Geografia UFF

(2) Estudante de Geografia UFF



A floresta vai perdendo espaço para o plantio de soja e o latifúndio



# Homenagem a Guillermo Lora Escobar

Esquerda Marxista  
contato@marxismo.org.br



Guillermo Lora Escobar (1922 - 2009)

Guillermo Lora Escobar faleceu em 17 de maio de 2009 com a idade de 87 anos. A classe operária, a juventude e todos os ativistas políticos devem aprender tanto com os acertos quanto com os erros daquele que foi o principal dirigente e teórico do Partido Operário Revolucionário e um dos principais dirigentes da revolução proletária de 1952, na Bolívia.

Guillermo Lora Escobar iniciou sua militância no Partido Operário Revolucionário, que foi seção da 4ª. Internacional até sua destruição como organização internacional marxista (1946-1953). Trabalhando entre os mineiros, participou da ocupação

das minas Siglo XX, em 1944. Com a derrota da ocupação foi exilado junto com os principais dirigentes do sindicato.

Sua mais importante contribuição para a consciência de classe na Bolívia foram as Teses de Pulacayo, adotadas pelo Congresso da Federação Sindical de Trabalhadores Mineiros da Bolívia (FSTMB), em 1946, e da qual os mineiros bolivianos se orgulham até hoje.

Nas Teses afirma-se o caráter da Bolívia como um país capitalista, no qual existem, entretanto, tarefas democrático-burguesas pendentes, tais como a implantação de infraestruturas e a industrialização do país e a questão agrária. As Teses reivindicam para o proletariado a aliança com os camponeses, e a solução das tarefas que a fraca e parasitária burguesia nacional, atada ao imperialismo, não pode nem quer solucionar. Aqui está a teoria da revolução permanente de Trotsky surgindo da experiência viva da revolução boliviana.

Em 1947, Guillermo Lora foi eleito deputado, fazendo parte do Bloco Mineiro. Lora assumiu a direção do POR a partir de 1953, um ano depois de abril de 1952, quando as milícias mineiras derrotaram em campo aberto o exército regu-

lar, gerando uma situação de duplo poder durante o governo de Víctor Paz Estenssoro.

Durante a revolução o POR, sob orientação de Michel Pablo e Ernest Mandel (os dirigentes que destruíram a 4ª. Internacional), apoiou a “ala Esquerda” do MNR (partido burguês nacionalista) ao invés de lutar pela tomada do poder pela COB e o movimento operário. Isso permitiu ao governo do MNR reconstruir progressivamente o Estado burguês e esmagar o movimento.

Em 1971, o ascenso das massas levou à formação da Assembléia Popular, primeiros Soviets da América Latina. Guillermo Lora destacou-se como ardoroso defensor da Assembléia Popular em contraposição ao Estado capitalista. O golpe sangrento do general Hugo Banzer liquidou-a e desatou brutal perseguição ao POR. Lora se exilou.

Sem nunca ter compreendido de fato a capitulação pablista de 1952 na Bolívia, Lora inclinou-se cada vez mais para um “nacional trotskismo” ultraesquerdista que o levou a se isolar cada vez mais do próprio proletariado mineiro revolucionário que ele ajudara

a constituir como classe para si.

Com o acúmulo de erros não reconhecidos, com um isolamento nacional, envolvido em uma vaidade intelectual desmesurada, Lora foi conduzido a uma política que se concentrava em um abstencionismo eleitoral permanente. O que afastou o POR da luta viva do movimento operário e camponês, como demonstra sua substancial ausência dos movimentos insurrecionais dos últimos anos. Lora afirmava que “hoje não estamos nem sequer em uma etapa embrionária” da revolução. O que demonstra uma incapacidade de enxergar a realidade lamentável para o dirigente revolucionário de 1952. Isto reduziu o POR - Lora à uma seita sem significado político na Bolívia de hoje.

Com Lora morre uma parte da história do movimento operário boliviano. Lora declarou que todos os esforços de sua vida foram para ser um verdadeiro “bolchevique”. Toda sua vida demonstra isso. Ele deixou obras que devem ser estudadas por todo revolucionário, como a “História do Movimento Operário da Bolívia” e “A Revolução Boliviana”. Nossa homenagem ao camarada Guillermo Lora Escobar, legítimo filho da classe operária revolucionária.

## A Revolução Alemã de 1919

Este ano a revolução alemã de 1919 completou 90 anos. Ela foi uma das páginas mais vibrantes e heróicas da história do proletariado internacional. Se tivesse triunfado teria mudado o rumo da história, pois não se tratava de um país atrasado, mas de uma potência capitalista, com o proletariado mais forte numericamente e melhor organizado do mundo.

O poder dos Conselhos de Operários e Soldados, nascido em novembro de 1918 logo após a insurreição dos marinheiros da frota de Kiel, aterrorizou a burguesia alemã e mundial. A perspectiva de que os trabalhadores alemães e russos pudessem unir forças, somente um ano depois do triunfo bolchevique de Outubro, contribuiu para a firme decisão dos capitalistas de toda a Europa de esmagar o movimento revolucionário alemão a qualquer preço.

Porém as forças da contrarrevolução burguesa, por si só, mostraram-se impotentes para fazer frente ao movimento das massas uma vez posto em marcha. Para cumprir seu objetivo tiveram que recorrer à ajuda da social-democracia. A revolução alemã de 1918 demonstrou, até as últimas conseqüências, o papel contrarrevolucionário da social-democracia como fonte de apoio à ordem burguesa. Não foi à toa que Ebert, o social patriota que dirigiu o Partido Social-democrata durante a guerra imperialista e que apoiou todas e cada uma das decisões militares do Estado Maior, declarou com orgulho: “Odeio a revolução como a peste”. Ebert, Schiedmann, Noske, cumpriram sua tarefa utilizando os batalhões (FreiKorps – Comandos da Liberdade) que mais tarde transformaram-se na coluna vertebral das forças de choque do partido nazista, para afogar em

sangue a fina flor e a nata dos operários revolucionários da Alemanha.

As jornadas revolucionárias de 1918/19 são fonte inesgotável de lições para as lutas futuras, são prova da disposição das massas de irem até o fim na luta pela transformação da humanidade, justamente o contrário dos argumentos reformistas acerca do nível de consciência das massas. Estes acontecimentos prepararam novos movimentos revolucionários na Alemanha, como os de 1921 e 1923, que também são parte de nossa história.

Aquela página heróica ficou gravada na consciência de milhões de trabalhadores pelo vil assassinato dos mais destacados dirigentes que o proletariado alemão gerou depois de Karl Marx e Friedrich Engels. A história de nosso movimento sempre se lembrará de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, os dois mártires da causa

do socialismo assassinados pelos cães de guarda da reação capitalista. Seus exemplos e suas obras permanecerão como um tesouro no arsenal teórico do marxismo e em sua ação revolucionária. (Veja indicativos de leitura sobre a Revolução Alemã de 1919 em [www.marxismo.org.br](http://www.marxismo.org.br))



Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo



# Paquistão: Conflito entre frações do Estado provoca devastação e miséria

Uma organização marxista com milhares de militantes organiza as massas no caos criado pelo imperialismo e grupos rivais no aparelho de estado

Lal Khan e Farhad Kayani

*email@email*

O sofrimento da população da região de Swat/Malakand no Paquistão está sendo apresentado como mais um exemplo de atividade talibã. Na realidade, setores do Estado há muito tempo patrocinam estas atividades. Quem sofre agora são os trabalhadores e camponeses. Os marxistas criaram acampamentos para ajudar nas operações, mas em última instância o que se faz necessário é a derrubada do corrupto regime.

A classe dominante paquistanesa tenta convencer as massas que o Paquistão atravessa a pior crise de sua história. Esta é sua desculpa para atacar os níveis de vida da população, o que fazem desde a criação do Paquistão. A situação atual, desde Swat/Malakand a Karachi e Baluquistão, vem acumulado elementos de barbárie.

Durante os períodos calamitosos a concentração da riqueza aumenta e se produz um empobrecimento ainda maior das massas pobres. Embora a situação do país seja péssima, a riqueza dos governantes nunca diminui. Hoje vinte famílias da classe dominante possuem mais riqueza do que a soma total do PIB do Paquistão.

As origens da crise atual podem ser encontradas na própria criação do Paquistão.

Durante a ditadura do general Zia o Estado paquistanês adotou uma doutrina militar para tentar ganhar a supremacia na fronteira ocidental mediante o controle do Afeganistão. Durante a intervenção no Afeganistão injetaram enormes quantidades de dinheiro sujo na economia paquistanesa através do tráfico de drogas patrocinado pela CIA para financiar a Jihad contrarrevolucionária no Afeganistão. Esta afluência de dinheiro sujo foi a principal fonte de conflito dentro do Estado paquistanês, especialmente no exército. Hoje, todos os terroristas têm contatos dentro do Estado e o próprio Estado está apoiando o terrorismo. E agora estas contradições são ainda mais graves e sangrentas.

Os intelectuais da vez discutem a idéia de que os problemas podem ser solucionados mediante “o bom governo”. A direção do PPP, que sempre culpou o exército das atrocidades contra o PPP, a imposição da Lei Marcial e o assassinato de Zulfiqar Ali Bhutto, agora apóia totalmente o exército. Os liberais de esquerda e as ONGs fazem o mesmo.

**■ ■**  
Em primeiro de maio de 2009 se organizaram, através do Paquistão, as maiores manifestações da história do PTUDC. Nestes atos se organizou a solidariedade com a participação de centenas de milhares de trabalhadores e jovens.

A realidade é que ao longo de toda a história do Paquistão o exército esteve implicado em cruzadas extremamente agressivas. Participou do massacre dos oprimidos em Bengala, Baluquistão, Sindh (1983) e em várias zonas de Pakhtoonkhwa e Punjab. A realidade hoje é que o exército desencadeou um caos contra seus próprios cidadãos e a gente comum está sendo massacrada, centenas foram mortos e milhões tiveram que abandonar suas casas em Swat, Malakand e em outros lugares.

O talibã é um Frankenstein criado pelo Estado paquistanês e pelos EUA. Neste conflito a grande maioria dos atingidos e assassinados são os camponeses pobres e seus filhos. Não deve haver nenhuma dúvida sobre o método brutal e bárbaro que o Talibã e outros bandos de fanáticos religiosos utilizam para assassinar a população. Não só é condenável, é necessário travar uma guerra armada contra eles. Mas crer que as mesmas ins-

tituições (a CIA e o exército) responsáveis por sua criação possam derrotá-las é um devaneio. O fundamentalismo religioso tornará a situação nestes acampamentos ainda pior. Desviarão o dinheiro recolhido para a ajuda. Embora o exército assassine alguns famosos mulás lunáticos, o Estado nunca eliminará esta arma reacionária como ferramenta para esmagar nascentes movimentos revolucionários dos trabalhadores e camponeses. Sempre se basearam nas forças da negra reação para reprimir a esquerda no Paquistão.

Quanto mais durar esta operação mais inútil e infrutífera será. Mesmo se terminasse agora, a crise não se acaba. Depois virão o terrorismo, a instabilidade, o caos e a turbulência. O motivo é que a causa real está na pobreza, no desemprego, nas doenças e no analfabetismo.

Devido o sofrimento das massas o PTUDC (Campanha de Defesa dos Sindicatos no Paquistão) (<http://www.ptudc.org/>), impulsionada pelos marxistas, criou os “Comitês Revolucionários de Ajuda e Defesa” nesta região assolada pela guerra. A tarefa principal destes comitês é defender as massas trabalhadoras das brutalidades dos talibãs e também das atrocidades do exército. Foram levantados acampa-

mentos. Um deles é o primeiro acampamento de ajuda fora da região das hostilidades nos arredores de Batkhela.

Estes comitês reúnem estudantes, jovens, trabalhadores e camponeses. Na região de Malakand foram criados mais de 50 comitês. Vieram médicos de diferentes regiões do Paquistão para ajudar. O PTUDC estabeleceu acampamentos em outras cidades importantes do Paquistão. Estes comitês revolucionários também organizaram círculos de formação marxista que analisam as causas fundamentais da atual conflagração e discute-se qual é a verdadeira solução.

Os comitês estão recuperando as tradições comunistas dos anos sessenta e setenta quando os movimentos dos camponeses expropriaram os latifundiários desta região. Não existe solução para este sistema capitalista corrupto. A única solução reside na derrubada deste sistema explorador mediante uma revolução socialista. O PTUDC (<http://www.ptudc.org/>) faz um chamado aos trabalhadores, jovens, sindicatos e as massas da Europa e de todo o mundo, para que demonstrem solidariedade e apoio. (Leia o artigo integral em [www.marxismo.org.br](http://www.marxismo.org.br))

22 de Maio de 2009



Os marxistas paquistaneses em luta contra as privatizações e pelo socialismo



# O Sindicato dos Vidreiros de São Paulo terá eleições este mês

O JLC entrevista Verivaldo, o Galo, militante da Esquerda Marxista que encabeça a Chapa 1

O Sindicato dos Vidreiros no Estado de São Paulo é um sindicato histórico do movimento operário em São Paulo. Foi um dos primeiros sindicatos a aderir à construção da CUT e ao Departamento do Ramo Químico da CUT, atual CNQ (Confederação Nacional dos Químicos). Hoje tem cerca de 22.000 trabalhadores na base que se espalha pela Grande São Paulo e interior. São 8.600 sócios aptos a votar nas eleições nos dias 27, 28, 29 e 30 de julho.

Duas chapas concorrem na eleição, a CHAPA 1 CUT e a chapa 2 apoiada por sindicatos ligados a intersindical.

No último período a direção do sindicato onde a maioria dos diretores apóiam a CHAPA 1, têm realizado intensas mobilizações em defesa dos direitos e dos empregos. Foram várias greves na região de Ferraz de Vasconcelos - cidade da Grande São Paulo com muitas fábricas da categoria – inclusive com ocupação de fábrica.

Na região do vale do Paraíba, onde estão concentradas as maiores fábricas ligadas à indústria automobilística, o sindicato conseguiu barrar a “co-participação” (as empresas queriam que os trabalhadores pagassem consultas no convênio



Verivaldo (Galo) em Assembléia na CEBRACE

médico). Muitas outras conquistas como aumento do PLR (participação nos lucros); reintegração de cipeiros demitidos injustamente, etc.

Na última assembléia onde estiveram presentes mais de 500 trabalhadores, apesar de realizada num domingo de manhã, a pauta era a eleição da comissão eleitoral. O resultado não poderia ser outro, numa prova de apoio da base, a CHAPA 1 obteve mais de 76% dos votos e elegeu 4 membros dentre os 6 cargos em disputa. Os trabalhadores presentes saíram mais motivados para fazer a campanha da CHAPA 1 em suas fábricas após essa importante vitória.

## JLC: Como se deu a composição da CHAPA 1?

Verivaldo: Ela se formou a partir do reagrupamento de forças na diretoria do sindicato. O grupo chamado ASS detinha a maioria dos diretores até meados do ano passado, porém sua política de aparelhamento do sindicato levou a paralisação do sindicato como instrumento de frente única dos trabalhadores. A política de truculência e “rolo compressor” somada ao afastamento do trabalho de base levou um grupo importante de diretores combativos a romper com a ASS. E a partir de pontos práticos de luta e da vontade de acabar com a paralisia que houve esse reagrupamento. Depois disso vários companheiros e companheiras se somaram. São cipeiros, ativistas importantes estão junto com o sindicato e na luta no chão de fábrica. A assembléia que elegeu a comissão eleitoral, onde obtivemos uma importante vitória, é a demonstração desse trabalho.

## JLC: Quais as principais propostas da CHAPA 1?

Em primeiro lugar respeito às reivindicações dos trabalhadores e à independência do sindicato frente aos patrões e governos que ataquem os direitos e conquistas dos trabalhadores. Continuar



Última Assembléia Geral dos Vidreiros mostrou a força da Chapa 1

a luta contra as demissões e perda de direitos como temos realizado no último período. E isso só se faz com dirigentes sindicais que não fiquem com “o traseiro na cadeira”. No começo deste ano levamos para a direção nacional da CUT, por nossa iniciativa e deliberada pela direção do sindicato, uma carta onde propomos o início de uma discussão pela unificação das lutas e abrir a discussão sobre a Greve Geral contra as demissões e causadas pela crise. E também pela manutenção de todos os direitos e conquistas da classe trabalhadora, Reforma Agrária sob controle dos trabalhadores, reestatização da Vale e da Embraer, Defesa dos Serviços Públicos de Qualidade e Gratuitos, contra o racismo e em defesa de igualdade para as mulheres, contra a intervenção nas fábricas ocupadas pelos trabalhadores (Cipla e Interfibra) e em defesa do emprego e salários. Com a CHAPA 1, o Sindicato dos Vidreiros estará novamente na linha de frente das grandes lutas na categoria

e em nível nacional. Na luta pelas reivindicações imediatas e históricas da classe trabalhadora, contra toda exploração e opressão.

## JLC: E como está a campanha?

A receptividade dos trabalhadores é sempre muito boa com o material e nas conversas. Já estamos distribuindo o segundo jornal da chapa e todos os dias estamos nas portas de fábricas discutindo com os trabalhadores e a cada dia a campanha ganha mais volume e adesões dos trabalhadores a CHAPA 1. Esperamos aumentar mais ainda o volume de campanha para conquistarmos uma ampla vitória que será dos trabalhadores. Deixamos aqui também o convite para que todos os leitores do JLC entrem na campanha apoiando a CHAPA 1 de todas as formas que puderem. Vamos fazer com que o Sindicato dos Vidreiros seja efetivamente mais uma trincheira na luta dos trabalhadores.



Piquete do Sindicato dos Vidreiros em porta de fábrica